

**Relatório sobre a comunidade brasileira de  
glorificação de assassinos, atiradores  
escolares e supremacistas brancos (AAS) nas  
plataformas TikTok e Twitter**

11 de abril de 2023

Sofia Schurig

## 1. Apresentação

Em um período de dez dias, o Brasil presenciou dois ataques em escolas que vitimaram quatro crianças e uma professora. Um estudo recente da Universidade de Campinas (Unicamp) aponta que, entre 2022 e 2023, ocorreram dez ataques em escolas, número que contrasta com o total de ataques totais desde 2002 (23 ataques). O caso em Vila Sônia (2023, São Paulo), onde um adolescente de treze anos esfaqueou uma professora até a morte, revelou ao público geral a existência de uma comunidade online fã de atiradores e massacres escolares, há muito denunciada por pesquisadores em extrema direita e jornalistas.

Esta comunidade de glorificação de assassinos, atiradores escolares e supremacistas brancos (AAS)<sup>1</sup> possui atuação internacional. Durante o monitoramento do grupo nas redes TikTok e Twitter, foram encontradas publicações em inglês, espanhol e russo, além do português brasileiro. Observou-se que a postura de moderação de conteúdo das plataformas pode ter algum impacto no comportamento dos usuários do grupo. Devido à falta de supervisão, os usuários do Twitter são muito mais violentos em comparação aos do TikTok. Somente três das 160 contas monitoradas foram suspensas pelo Twitter ao longo de quatro meses de monitoramento.

A atuação da comunidade online é relevante no contexto do aumento dos massacres em escolas no Brasil, uma vez que o monitoramento notou uma escalada na violência das publicações dos usuários do grupo. O autor do ataque em Barreiras (2022, Bahia) também era membro da comunidade no Twitter, além de seu suposto parceiro, H.L.T. Após o caso em Vila Sônia e a respectiva cobertura midiática, foram encontradas múltiplas postagens incentivando outros ataques, além de publicações violentas contendo discurso de ódio contra mulheres, apoio à necrofilia, ao abuso sexual/físico e à violência contra animais, além de incentivo aos próprios massacres escolares.

---

<sup>1</sup> A autora considera a sigla AAS mais adequada do que TCC (True-Crime Community em inglês), uma vez que o termo se refere a um gênero documental multimídia legítimo que tem como propósito informar ou educar a população sobre casos de crimes reais.

As publicações também se tornaram mais intensas na busca por 'duplas' para cometer ataques em escolas. Após a criação do Canal de Denúncias pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP), a autora enviou para o órgão a parcela mais preocupante das contas monitoradas. Também foram identificados os perfis dos autores dos ataques nos estados do Amazonas e de Goiás, ocorridos nos dias 10 e 11 de abril, respectivamente. Após as ações do MJSP, inúmeras reportagens denunciando a existência da comunidade e uma grande comoção da sociedade civil, a autora avalia que membros da comunidade estão mais agitados. Isso não significa que os integrantes estarão mais propensos a cometer ataques, mas suas publicações de glorificação a massacres em escolas podem incentivar indivíduos predispostos a cometer esses crimes.

Este documento usou informações, análises e o monitoramento feito pela autora durante o monitoramento da comunidade no TikTok<sup>2</sup> e Twitter<sup>3</sup> para reportagens no site Núcleo Jornalismo ([nucleo.jor.br](https://nucleo.jor.br)).

Durante dois meses (dez.2022 – jan.2023) no TikTok e quatro meses (dez.2022 – abr.2023) no Twitter, diversos tipos de conteúdo foram arquivados, como imagens, vídeos, tweets e comentários, visando identificar **conteúdo que violasse a legislação brasileira, fizesse apologia ao extremismo e ameaças de terrorismo doméstico, violasse as políticas de moderação das plataformas ou pudesse ser considerado nocivo à saúde mental/física dos usuários.**

Foram analisados mais de 160 perfis do Twitter, quatro subcomunidades específicas, mais de 150 vídeos do TikTok, 112 perfis do TikTok e 36 hashtags no TikTok que somavam, até janeiro de 2023, 346 milhões de visualizações.

---

## 2. Associação com ideologias neofascistas e o extremismo de direita

---

<sup>2</sup> SCHURIG, S. **Culto a assassinos e massacres escolares corre solto no TikTok.** Disponível em: <<https://nucleo.jor.br/reportagem/2023-01-26-culto-a-autores-de-massacres-corre-livre-no-tiktok/>>.

<sup>3</sup> SCHURIG, S. **Sem moderação, Twitter tolera apoio a massacres escolares.** Disponível em: <<https://nucleo.jor.br/reportagem/2023-04-06-sem-moderacao-conteudo-massacres-twitter/>>.

Foi constatada na comunidade uma intrínseca relação com o neonazismo, neofascismo e o extremismo de direita na totalidade. Entre outubro e novembro de 2022, a autora monitorou 46 canais neonazistas na plataforma Telegram para uma reportagem<sup>4</sup> publicada no site Núcleo Jornalismo.

Além de conteúdo extremista, de apologia ao neonazismo e fomentando discurso de ódio, também foram identificadas mensagens de apologia/incentivo aos tiroteios escolares, sobretudo quando as vítimas eram mulheres, pessoas não brancas ou com deficiência. Em um caso, um usuário, que se auto identificava como um adolescente brasileiro da região sul do país, enviou um áudio falando como seria “uma boa” fazer um ataque em sua escola. Em seguida, ele reclamou por não ter “nenhum branco” no seu colégio.

No Twitter, alguns membros da comunidade costumam se engajar com conteúdo assumidamente extremista, geralmente contendo termos como “Terceira Posição” e semelhantes. Muitos perfis neofascistas usam símbolos de raios, como: ⚡ / ʌ / ʌ, simbologia associada a Alemanha Nazista.

Indivíduos da comunidade frequentemente usam o bullying como justificativa para sua apologia aos ataques em escolas. Embora essa justificativa possa ser questionada por autoridades e especialistas, o fato precisa ser destacado por estar constantemente presente em publicações da comunidade em ambas as plataformas monitoradas. Além disso, foram identificadas outras justificativas para a apologia, incluindo a discriminação racial, de gênero e de orientação sexual, bem como o discurso alinhado ao extremismo de direita.

Foram encontradas publicações — em ambas as plataformas — de apologia ao ataque em uma escola em Barreiras (2022, Bahia), que vitimou uma jovem cadeirante, justificando o ataque pelo fato de a vítima ter uma deficiência física. Também foram identificadas publicações que defendem massacres em escolas/tiroteios em massa por antissemitismo. Além da associação explícita e

---

<sup>4</sup> SCHURIG, S. **Canais neonazistas proliferam no Telegram**. Disponível em: <<https://nucleo.jor.br/reportagem/2022-11-25-canais-neonazistas-brasileiros-crescem-no-telegram/>>.

verbal com o extremismo de direita, foram identificadas inúmeras publicações de usuários da comunidade AAS com máscaras de caveiras, frequentemente usadas por atiradores escolares e são um símbolo do supremacismo branco oriundo de células neonazistas e organizações terroristas.

Outra associação com o extremismo de direita é a glorificação e/ou o compartilhamento de vídeos de massacres cometidos por indivíduos autodeclarados e/ou identificados por autoridades como supremacistas brancos, como no massacre de Christchurch (2019, Nova Zelândia). Foram identificados compartilhamentos do vídeo do massacre na plataforma Twitter em 6 de abril de 2023 pela conta *@h3s\_0ur\_guy* (atualmente suspensa), que também publicou outros tipos de conteúdo neonazista e/ou antisemita em língua portuguesa. Na noite do dia 7 de abril de 2023, foi identificado que a conta *@EloSilv15583436* também estava compartilhando vídeos do massacre. A conta não foi suspensa, até o momento em que a autora escreveu este relatório.

- É importante ressaltar que a suspensão da conta *@h3s\_0ur\_guy* está provavelmente associada ao GIFCT (Global Internet Forum to Counter Terrorism), uma organização conjunta criada pela Meta após Christchurch em uma iniciativa conjunta de empresas de tecnologia para combater o terrorismo online. O Twitter é um dos parceiros da iniciativa. O protocolo é uma estrutura de colaboração criada pelas empresas membros do GIFCT para compartilhar informações e recursos e melhorar a detecção e remoção de conteúdo terrorista na Internet. O protocolo funciona por meio do compartilhamento de hashes (um tipo de código alfanumérico exclusivo, também conhecido como impressões digitais) de conteúdo terrorista conhecido em um banco de dados comum.

---

### **3. Comunidade AAS no TikTok**

No TikTok, a autora observou que a comunidade de glorificação e idolatria de AAS geralmente apresenta seu conteúdo por meio de imagens, vídeos ou *fancams*, um estilo de vídeo criado visual e esteticamente com o propósito de enaltecer algo ou

alguém. Entre dezembro de 2022 e janeiro de 2023, a autora monitorou 112 perfis e 36 hashtags da comunidade, que juntas somavam mais de 344 milhões de visualizações.

Na plataforma, é mais comum encontrar dinâmicas de subgrupos de culto a diferentes criminosos. Durante o monitoramento, foi constatado que o TikTok proíbe os nomes de três criminosos no mecanismo de busca da rede: Christchurch (2019, Nova Zelândia), Sandy Hook (2012, EUA) e Columbine (1999, EUA). No entanto, foram encontradas pelo menos cinco hashtags relacionadas a esses nomes, que totalizaram 46,4 milhões de visualizações. Embora o TikTok proíba os nomes dos três criminosos mencionados, a autora constatou que membros da comunidade adicionavam ou retiravam letras nos sobrenomes dos criminosos para contornar a moderação do TikTok.

O TikTok removeu<sup>5</sup>, coincidentemente ou não, 30 das 36 hashtags enviadas à assessoria de imprensa pela autora após a publicação das reportagens. No entanto, três das seis hashtags que não foram removidas tinham nomes dos três criminosos supostamente banidos do mecanismo de busca. A assessoria de imprensa não respondeu pedidos de comentário/contato da autora após o envio dos materiais usados na apuração.

As publicações da comunidade no TikTok seguem estéticas específicas e acompanhadas por músicas que retratam violência, angústia social ou o desejo de rebeldia. É importante ressaltar que, embora as músicas sejam mencionadas neste documento para facilitar a identificação de conteúdo da comunidade na plataforma, seria inadequado relacioná-las aos ataques.

- Na terceira semana de monitoramento, o algoritmo de recomendação do TikTok recomendou a autora vídeos do atentado em Kerch (2018, Crimeia), na aba “For You”;
- Entre os perfis brasileiros, foram identificadas pelo menos 32 contas dedicadas a G.T.M — 12 delas usando seu nome completo. Foram

---

<sup>5</sup> <https://nucleo.jor.br/institucional/2023-02-10-tiktok-modera-comunidade/>

encontrados vídeos de glorificação com imagens do cadáver de G.T.M sem qualquer tipo de censura;

- Também foi relativamente fácil identificar conteúdo enaltecendo supremacistas brancos, como o responsável pelo massacre de Sandy Hook (2012, Estados Unidos) ou outros autores de ataques supremacistas e neonazistas que não tiveram seus nomes bloqueados do mecanismo de busca, como o de D.R (2015, Estados Unidos), responsável pelo ataque contra uma igreja afro-americana, que deixou 9 mortos. Duas hashtags associadas a D.R tinham 5,4 milhões de visualizações.

No TikTok, o comportamento do grupo é mais voltado a idealização e romantização dos criminosos responsáveis por ataques em escolas e tiroteios em massa, não um incentivo explícito para cometer atentados. Além de desrespeitar vítimas e familiares de vítimas, esse comportamento pode ser o primeiro passo em um processo de cooptação e radicalização.

A maioria das publicações identificadas e os perfis monitorados na plataforma aparentam ser comandados por usuários extremamente jovens que, apesar de compreenderem ser errado cultuar a imagem de um criminoso, o fazem por motivos de rebeldia. Muitos usuários usam a hashtag #donotcondone (#nãoconcordo em tradução livre), para argumentar que não concordam com os ataques, apesar de acharem o(s) criminoso(s) fisicamente e/ou sexualmente atraentes.

O TikTok também é uma plataforma onde ocorre grande viralização de imagens dos criminosos por meio das *fancams*. No caso do adolescente autor do ataque em Vila Sônia, por exemplo, imagens e o nome completo do adolescente viralizaram no TikTok em menos de duas horas após o crime ser reportado pela imprensa local. Um movimento semelhante ocorreu após um adolescente tentar incendiar uma escola em Monte Mór (2023, São Paulo).

Minutos depois que o caso foi noticiado pela imprensa local, imagens do jovem e vídeos que a mãe do adolescente havia enviado em grupos de WhatsApp da cidade, pedindo clemência pelo filho, havia viralizado. Nesse caso, não houve

necessariamente uma glorificação do jovem, mas uma tentativa de transformá-lo em piada por não ter assassinado pessoas.

Em comparação ao Twitter, outra problemática identificada é que o algoritmo de recomendação do TikTok é muito mais eficaz em colocar o usuário em uma bolha infinita de conteúdo. Após a criação do perfil e a rolagem de feed em poucas hashtags da comunidade, a plataforma passou a apenas nos recomendar conteúdo do grupo e apresentou outras hashtags à autora. Esse fator é mais preocupante ao considerar que o TikTok é a rede mais popular entre crianças e adolescentes.

---

#### **4. Comunidade AAS no Twitter**

O monitoramento de indivíduos da comunidade AAS iniciou-se em dezembro de 2022 durante a apuração paralela do grupo no TikTok. O objetivo da autora deste documento era ver a mudança de comportamento após a introdução de políticas mais livres para moderação de conteúdo. No entanto, a análise foi prejudicada após a cobertura midiática do caso em Vila Sônia, depois que veículos de imprensa irresponsavelmente divulgaram uma das principais hashtags da comunidade e o perfil do adolescente responsável pelo ataque.

A autora deste documento possui uma conta infiltrada no grupo, usualmente retweetando e curtindo certas publicações, para fins jornalísticos. O nome de usuário do perfil em questão já foi compartilhado com autoridades públicas e pesquisadores em extrema direita. Sobre o comportamento da comunidade no Twitter, usuários do grupo costumam interagir primordialmente por tweets, comentários em outros tweets, retweets ou mensagens diretas.

Na avaliação da autora, a comunidade age de maneira muito mais violenta no Twitter em comparação ao TikTok. Isso se deve em parte à falta de moderação nessa plataforma, o que permite que conteúdo violento e explícito circule livremente. Durante o monitoramento, foram identificadas publicações muito mais violentas, gráficas e explícitas, incluindo imagens e vídeos de cadáveres desfigurados, vítimas de ataques em escolas, tiroteios em massa, automutilação, estupro e violência

física/sexual. Além disso, foram encontrados tweets e comentários incitando atos terroristas, violência sexual, necrofilia, bestialidade, violação de privacidade digital e stalking, entre outras formas de comportamento violento e inapropriado.

Pouco após o caso em Vila Sônia, foram identificadas múltiplos usuários que tiveram suposto contato com o autor do ataque. Estes usuários demonstraram três tipos de comportamento:

1. Anunciaram estarem saindo da plataforma por medo de serem identificados por autoridades;
2. Demonstraram felicidade que o indivíduo de fato cometeu o ataque;
3. Expuseram suas conversas com o autor do ataque ou os tweets do perfil privado do adolescente para criarem um tipo de 'distanciamento' e rejeitar qualquer responsabilidade ou influência.

Nos tweets anunciando a migração para outras plataformas, foi comum ver usuários divulgando links para servidores no Discord<sup>6</sup>. Para além dos indivíduos que tiveram suposto contato com o adolescente, foi observado um número pequeno de usuários afirmando que, após o caso e a repercussão midiática, teriam coragem para atacarem suas escolas.

Também foram identificados threads<sup>7</sup> com conteúdo gore (ou grotesco), caracterizado pela presença de cenas extremamente violentas, com muito sangue, vísceras e restos mortais de humanos ou animais. Esse conteúdo variou de cenas de massacres como Christchurch (2019, Nova Zelândia) ou Kerch (2018, Crimeia), vídeos de decapitações e outros atos de terrorismo pelo Estado Islâmico (ISIS),

---

<sup>6</sup>A autora atualmente não monitora a comunidade AAS na plataforma, mas recomenda que autoridades e legisladores pesquisem sobre o servidor "Elite Intellectual" no Discord, uma vez que vários membros da comunidade AAS no Twitter participavam desse grupo. O servidor "Elite Intellectual" era composto por menores de idade que torturavam animais, preferiram ameaças de morte e discurso de ódio. Muitos usuários relataram o desejo de cometer ataques em escolas, publicaram fotos usando máscaras de caveira e chegaram a se automutilar com suásticas. Uma pesquisa no TikTok sobre os termos "discord elite intelectual" ou "servidor elite intelectual" (<https://www.tiktok.com/discover/elite-intelectual-discord>) mostra vídeos de pessoas, principalmente mulheres, usando as mesmas máscaras, capturas de tela de conversas no servidor e imagens/vídeos de membros do grupo.

<sup>7</sup> Fios de tweets em sequência

imagens de acidentes de trânsito que resultaram em fatalidades, imagens de automutilação profunda, entre outros.

Nenhuma das publicações continha censura parcial e/ou total das imagens, com exceção foi para uma conta que compartilhou um vídeo do ataque em Christchurch. Esse tipo de imagem viola a Política sobre Mídia Sensível do Twitter<sup>8</sup>. O texto descreve violência gratuita como:

*“Violência gratuita é qualquer forma de mídia que retrate de modo excessivo ou repugnante conteúdo relacionado a cenas de morte, violência ou lesões corporais graves, ou conteúdo violento que é compartilhado com motivos sádicos. Alguns exemplos incluem, entre outros, representações de: seres humanos desmembrados ou mutilados; restos humanos carbonizados ou queimados; órgãos internos ou ossos expostos; e tortura ou matança de animais”*

Membros da comunidade AAS também parecem estar mais dispostos a exibirem suas reais identidades no Twitter. Apesar de a veracidade das imagens e/ou vídeos não puderam ser confirmados; uma vez que podem ser retirados de grupos ou fabricados por inteligências artificiais, ao longo do monitoramento foi extremamente comum ver indivíduos postando fotografias usando a máscara de caveira, roupas táticas, entre outras vestimentas.

Publicações no Twitter da comunidade AAS também tendem a ser mais violentas ao explicitar desejos, vontades e supostos planejamentos para condução de ataques em escolas. Exemplificações podem ser vistas abaixo, com a transcrição completa e inalterada de quatro tweets:

---

<sup>8</sup> <https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies/media-policy>

Até 4 de abril de 2023, o site da Política sobre Mídia Sensível do Twitter constava como atualizado pela última vez em janeiro de 2023, como pode ser visto pela ferramenta *Wayback Machine* (<http://web.archive.org/web/20230404194745/https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies/media-policy>), que armazena páginas de internet. A página sobre a política foi atualizada entre os dias 5 e 11 de abril, e hoje consta que a última alteração nos termos foi feita em março de 2023.

- **“tá aqui a minha antiga escola, vou ataca essa bosta não sei ainda a hora mais vai se de manhã”** — publicado em 7 de abril de 2023, às 10:22 da manhã, pelo usuário @66z\_marr;
- **“Se eu simplesmente acordar querendo esfaquear minha família e atirar em pessoas, e tiver os recursos suas palavras não vão me parar ksksk, mais por enquanto que não faço nada vocês podem falar”** — publicado em 5 de abril de 2023, sem horário exato de publicação, pelo usuário @power7269. O tweet em questão foi deletado;
- **“Só falta agora as armas!!! o plano tá tudo certo galera só falta escolher o dia.. adeus”** — publicado em 31 de março, às 22:03 da noite, pelo usuário @EloSilv15583436. O usuário recebeu mais de 30 comentários em resposta, entre eles: **“Me fala no pv de onde vc é quem sabe a gente não Seja do mesmo luga na mesma escola”** — publicado pelo usuário @Luklk381116;
- **“ficou bonita minha AK, ficaria melhor se fosse de verdade pra matar esses filha da puta, mal sabe eles q em menos de 2 meses vão ter a cabeça explodida...”** — publicado em 4 de abril de 2023, às 9:27 da manhã, pelo usuário @dezaleatoria. O usuário publicou às 7:12 do mesmo dia o seguinte tweet anexado a uma fotografia de uma arma de fogo: **“Oq acharam dessa pra executar as pragas? Já tenho essa, vou ver se consigo uma Glock calibre 38”**.

As ameaças acima não podem ser confirmadas como legítimas pela autora. No entanto, verídicas ou não, este tipo de comportamento pode incitar outros indivíduos predispostos a cometer ataques, uma vez que simulam uma lógica de grupo, causando um efeito cascata semelhante ao compartilhamento de imagens de ataques em escolas pela imprensa.

Ainda, foram identificados e compartilhados com Estela Aranha, Secretária de Direitos Digitais do Ministério da Justiça e Segurança Pública, além da pesquisadora Letícia Oliveira, parte do grupo de trabalho de transição sobre extremismo em escolas, os perfis dos autores dos ataques em escolas no Amazonas (10 de abril de

2023) e em Goiás (11 de abril de 2023) na comunidade AAS do Twitter. Uma análise detalhada das publicações dos dois indivíduos revelou questões importantes.

No caso do adolescente no Amazonas, seu perfil (@Guiric\_pxx) foi criado em abril de 2023. Seu primeiro tweet foi em 8 de abril de 2023. O adolescente anunciou que cometeria o ataque, as armas que seriam usadas (faca e coquetéis molotov) e que esperava assassinar várias pessoas, e também compartilhou publicações com discurso de ódio contra a população LGBTQ+ e publicações machistas.

O adolescente também curtiu inúmeras publicações da comunidade AAS em glorificação de assassinos e usava uma foto de G.T.M em seu perfil. O adolescente também curtiu publicações exaltando a Atomwaffen Division<sup>9</sup>, uma organização neofascista e de extrema direita internacional, considerada terrorista em cinco países.

No dia do ataque, suas últimas publicações foram:

- Às 13:57 do dia 10 de abril: **“É hoje, eu não tenho muitas armas mas eu quero fazer pelo menos 3 kills”**;
- Às 13:58 do dia 10 de abril: **“Muito obrigado pelo apoio irmãos, fiquem com deus”**;
- Às 13:59 do dia 10 de abril: **“Eu esperei muito por esse momento , esse ato não será feito em vão eu prometo a vcs”**;
- No dia 9 de abril de 2023, às 1:57 da madrugada, ele publicou o seguinte tweet: **“Feministas provavelmente não querem a legalização do homicídio, mas querem a legalização do aborto, não faz sentido, matar um bebe por irresponsabilidade sua é a coisa mais nojenta que eu já ouvi”**.

No caso do adolescente em Goiás, seu perfil (@bugado\_npc<sup>10</sup>) foi criado em outubro de 2022. A atividade do jovem no Twitter se destaca em comparação aos

---

<sup>9</sup> [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/05/internacional/1517855215\\_838978.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/05/internacional/1517855215_838978.html)

<sup>10</sup> O termo “NPC” se refere a **personagem não jogável**, um termo usado em videogames e apropriado pelo fórum 4chan. Nos Estados Unidos, pessoas na extrema direita costumam usar o termo como um insulto. Ver: <https://www.nytimes.com/2018/10/16/us/politics/npc-twitter-ban.html>

outros autores de ataques em escolas e da comunidade AAS em geral, uma vez que a maioria de suas publicações são fotografias usando máscaras e/ou uma arma não letal (airsoft), possivelmente posando para as *fancams* da comunidade — fator que aponta para o desejo de atenção midiática.

- Apesar da data de criação do perfil, a primeira publicação foi em 9 de abril de 2023 às 18:04, onde ele perguntava **“Oque vocês acham de armas de fogo caseiras”**;
- Em 9 de abril, às 20:46, ele publicou um vídeo mostrando crianças e adolescentes correndo para fora de um escola após um massacre em tom de piada;
- Em 10 de abril, às 19:29, ele publicou um tweet com uma imagem de dois homens imitando E.H e D.K, autores do massacre de Columbine, com a legenda: **“Eric e Dylan indo acertar as contas no colégio”**;
- No dia 11 de abril, entre às 6:50 e 6:52, o adolescente publicou 8 imagens de si mesmo, além de um único vídeo;
- No vídeo, publicado em 11 de abril de 2023 às 6:51, o adolescente diz: **“Vou explicar o ato que cometi porque será postado em minutos e acontecer. Seus filhos me caçoavam, me batiam, faziam todo tipo de brincadeira de mal gosto comigo. Eu não gostava. Tentei tentei que eles parassem, em várias (inaudível), mas eles continuaram.”** Nos comentários do vídeo publicado, membros da comunidade AAS fazem piadas com o adolescente por não ter assassinado ninguém, apenas deixado três pessoas feridas..

O fato de dois usuários da comunidade AAS do Twitter terem cometido ataques, ainda que sem fatalidades, pode estar atrelado ao sentimento de pânico generalizado atualmente na sociedade brasileira, sobretudo após o ataque à creche em Blumenau.

#### **4.1 Comunidades associadas**

Foi observado que a comunidade AAS no Twitter está intrinsecamente ligada a outras subcomunidades online: gore ([#goretwt](#)), transtornos alimentares ([#edtw](#)) e automutilação ([#shtwt](#)). Os grupos mencionados também publicam conteúdo que

viola as políticas de moderação da plataforma, no entanto, seguem sem moderação. Comunidades que compartilham imagens violentas (#goretwt) ou de automutilação (#shtwt) podem causar sentimentos de depressão e/ou impactar severamente a saúde mental de crianças e adolescentes que entrem em contato com esse material.

Durante o monitoramento, identificamos publicações dessas duas comunidades sendo compartilhadas por integrantes da comunidade AAS, que incluíam: cortes profundos na garganta, cortes profundos nos braços, mostrando partes internas do sistema nervoso, atropelamentos e acidentes de trânsito com violência explícita, indivíduos automutilando nomes e/ou iniciais de terceiros em seus cadáveres, tweets incitando as práticas de necrofilia e/ou bestialidade, imagens de abuso físico e/ou sexual, imagens de pornografia infantil caracterizadas como sexo consensual entre adolescentes ou imagens de pornografia infantil compartilhadas por usuários menores de idade em seus perfis pessoais, imagens de usuários que se autoidentificaram como adolescentes automutilando-se com cigarros acesos, entre outros tipos de conteúdo.

- **Caso um:** o Twitter recomendou à autora um vídeo contendo vários cliques de diferentes automutilações extremamente gráficas. Em uma das imagens, um indivíduo quase decepou sua própria mão com um estilete;
- **Caso dois:** o Twitter recomendou à autora um vídeo em formato de fancam com imagens violentas e brutais, inclusive de abuso e violência contra animais, com um vídeo de um homem apedrejando um cachorro até a morte.

Todas essas publicações foram recomendadas na aba “*For You*”.

---

## 7. Autoria

Sofia Schurig é estudante de Comunicação na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM/UFBA). É estagiária de redação e repórter no veículo de imprensa Núcleo Jornalismo (núcleo.jor.br), onde escreve sobre tecnologia, o impacto das redes sociais nas vidas das pessoas e extremismo digital.